

ADunicamp inicia atendimento direto aos docentes em Limeira

Primeira sessão de atendimento, com presença de diretores, funcionários e representante do Departamento Jurídico será realizada dia 26, seguida de show do violleiro Paulo Freire e confraternização. (veja o convite no final deste boletim)

A ADunicamp inicia, no próximo dia 26 de março, com evento aberto a toda a comunidade acadêmica, o trabalho de atendimento direto aos docentes da Unicamp em Limeira, onde funcionam a Faculdade de Tecnologia, a Faculdade de Ciências Aplicadas e o Cotil.

O atendimento em Limeira, a partir de agora, será realizado quinzenalmente – nas primeiras e terceiras quintas-feiras de cada mês – com a presença de diretores, funcionários e de um advogado do Departamento Jurídico da ADunicamp.

No dia de abertura dos atendimentos, na próxima quinta-feira, diretores, funcionários e um advogado ficarão à disposição dos docentes, das 13 às 17:00 h na Sala P17 da Faculdade de Tecnologia, para prestar esclarecimentos sobre a atuação da ADunicamp, sobre as principais demandas das unidades sediadas em Limeira e sobre filiações e convênios oferecidos aos associados.

Ao final do dia, haverá um show do violleiro Paulo Freire com início às 17:30 h, seguido de confraternização, no Anfiteatro PA07 da Faculdade de Tecnologia.

Fortalecer o Sindicato

Depois de um ano de intensa atividade ([leia aqui](#)), a ADunicamp trabalha, desde o início de 2015, com o objetivo de reforçar sua atuação sindical, frente à previsão de um período de difíceis negociações de recursos para as universidades e escolas públicas estaduais paulistas.

A queda da produção industrial no Estado de São Paulo e a redução da arrecadação do ICMS provocam uma redução considerável nos recursos destinados às universidades estaduais. “Este quadro exigirá uma grande mobilização da comunidade acadêmica para impedir eventuais tentativas de congelamento dos salários e corte nos recursos para o desenvolvimento de pesquisa e projetos”, avalia a direção da ADunicamp.

Entre as ações em curso, a ADunicamp amplia agora

o seu atendimento para as unidades de Limeira, com o objetivo também de tratar de questões específicas dessas unidades. A força de um sindicato está em sua representatividade, o que se mede também (embora de modo algum exclusivamente) pelo número de associados que consegue agregar a seus quadros.

O Departamento Jurídico também terá um papel fundamental no atendimento em Limeira. Além de atuar na orientação e defesa de interesses trabalhistas, tanto coletivos como individuais, o Departamento Jurídico é importante linha auxiliar no trabalho de colocar em prática as estratégias do sindicato. Ele auxilia na tomada de decisões, ajuda a descobrir caminhos de luta e, se necessário, faz os devidos encaminhamentos no âmbito jurídico.

O Violleiro Paulo Freire

Paulo Freire, que fará o show comemorativo do início do atendimento em Limeira, é um violleiro, compositor e “contador de causos” várias vezes premiado e com apresentações já realizadas em centenas de cidades no Brasil e no exterior.

Com projetos solo e em parcerias, gravou dez CDs, o último deles – Alto Grande – lançado no ano passado. Atuou, como músico, em shows e CDs de um grande número de artistas brasileiros, entre eles Arnaldo Antunes, Luiz Tatit, Maurício Pereira, Mônica Salmaso, Ana Salvagni, Titi Walter, Pereira da Viola, Levi Ramiro, Edson Natale, Swami Júnior, Isa Taube, Bráz da Viola, Passoca, Fábio Tagliaferri, Chico Salem, Hélio Sziskind e Carlos Careqa.

Participou e foi autor de trilhas sonoras e de roteiros musicais para cinema e a televisão, entre eles as minisséries “Grande Sertão Veredas” e “Malu Mulher” e os instrumentais de viola para o filme “Deus é Brasileiro”, de Cacá Diegues.

O show que Paulo Freire apresenta em Limeira, a partir das 17:30 h no Anfiteatro PA07 da Faculdade de Tecnologia, traz composições próprias e clássicos da música popular brasileira, entremeados pela contação dos causos que narra de maneira única.



A importância da atuação da ADunicamp no campus de Limeira

Com maior ou menor intensidade, em diferentes períodos, a ADunicamp manteve uma atuação muito próxima aos docentes das unidades sediadas em Limeira. O professor do Cotil Antonio Vanderlei de Quintal, hoje aposentado, foi dos artífices dessa aproximação, iniciada na década de 1980. Em entrevista concedida no início deste ano, Quintal falou sobre a importância da atuação da ADunicamp em Limeira e sobre as razões do distanciamento ocorrido nos últimos anos. Para ele, a reaproximação da ADunicamp com os docentes de Limeira é essencial para fortalecer a luta por importantes reivindicações e demandas das unidades locais. “(A ADunicamp) é uma entidade sindical que defende os interesses nossos”, avalia ele.

Como começou a relação entre Cotil e ADunicamp?

Professor Quintal – O Cotil era o “patinho feio” dentro da Unicamp. Praticamente não tinha ligação com a universidade, com nenhum órgão da universidade. Aí, quando nós chegamos à Unicamp, em 1984, como professor, houve um início de aproximação com a Associação dos Docentes. Na época, quem era o presidente da ADunicamp era o professor Hermano, com a professora Helena Lopes, com quem a gente começou a ter contato. Aqui em Limeira, o professor Luis Eduardo Quitério, o professor Orlando Lencione, o professor Paulo Tunussi, o professor Sérgio Lordello, o professor Marcos Rocha e eu éramos as pessoas que começaram a participar das reuniões. O professor Hermano vinha a Limeira, o pessoal começou a ficar sócio e aconteceram as primeiras eleições (de representantes de unidade), com dois titulares e dois suplentes, e gente passou a ir às reuniões e começou a trazer as informações. Os boletins passaram a fazer parte da sala dos professores em Limeira e o pessoal começou a se integrar e a saber das coisas da universidade. Nesse meio tempo, houve a integração de alguns professores com o IMECC, alguns começaram a participar dos cursos do IMECC, inclusive com os alunos. Com isso tudo, essa integração passou a ser normal para nós, com participação política da ADunicamp dentro do colégio: foi por parte da ADunicamp que começou a briga pela implantação da nossa carreira dentro da universidade.

E com relação a essa briga pela carreira, foram vocês que levaram a demanda à ADunicamp?

A demanda foi dos colégios e a ADunicamp encampou a ideia. E foi na gestão do professor Paulo Renato como reitor que houve a negociação entre ADunicamp, com a presidência do professor Hermano, e a Unicamp para a conclusão dos trabalhos para implantação da carreira. Ocorreram muitas reuniões para chegar à definição desta carreira, que não era bem essa de agora, porque

já foi modificada. Mas foi a ADunicamp que viabilizou, dentro dos órgãos da universidade, essa carreira. Porque nós tínhamos na época 44 aulas, no mesmo regime do Estado de São Paulo, os valores das aulas eram insignificantes, embora o colégio tivesse um nome e todo mundo já quisesse dar aulas ali por causa da seleção dos alunos. A ADunicamp foi fundamental.

Para além da luta pela carreira, o Cotil e a ADunicamp já estiveram juntos diante de outras questões da Universidade?

Ah, sim. Em todos os movimentos de reivindicações da universidade junto ao governo do Estado, o Cotil sempre esteve presente. O Cotil era elemento fundamental dentro das greves da universidade.

Então, o Cotil já participou de greves.

Muitas. E das duas maiores. Acho que a última foi no ano de 2002. Nós ficamos 42 dias parados. E o Cotil bancando, bem democraticamente. Nós trazíamos as proposições da ADunicamp e votávamos. Todos os professores nos reuníamos na sala 09, colocava-se a opinião do diretor da escola, o que a ADunicamp estava propondo e a votação que tinha ocorrido na ADunicamp. Então a gente participava da votação lá e vinha pra cá pra carimbar [o resultado]. Assim, o Cotil foi elemento fundamental dentro da ADunicamp, dado o número de professores que nós tínhamos, maior dentre todos os departamentos da Universidade. O Cotil tinha acho que 40 e poucos professores, era uma das unidades interessantes dentro da greve. Então, depois de 1984, o Cotil participava ativamente das atividades da ADunicamp.

No entanto, se compararmos o número de associados do Cotil à ADunicamp durante a década de 1990 ao número atual é fácil notar que o número atual é proporcionalmente muito menor. A que o senhor atribui esse fato?

Na verdade, depois da greve de 2002, houve praticamente uma desmobilização do Cotil com relação à ADunicamp.

Isso, partindo de toda a Universidade ou mais especificamente do Cotil?

Não, partindo do Cotil mesmo. Nós passamos a não ter mais representantes. Quando se recebia o malote com os boletins da ADunicamp, eles não eram distribuídos na sala dos professores, e isso foi desmobilizando o pessoal. Também depois de 2002, a Universidade começou a ter uma política de correção de salários com valores não significativos, mas razoáveis. E muitos professores começaram a

se perguntar por que se associar, tendo que pagar uma porcentagem do salário. Porcentagem que a ADunicamp inclusive abaixou na época, porque era mais alta antes, já que custeava as participações nas mobilizações, nas reivindicações, nas greves... Pagávamos uma porcentagem maior e depois foi votado e diminuíram o valor, mas é um valor que é retirado do salário mensalmente e teve muita gente que achou que não era interessante.

Também, nesse período, houve uma mudança na ADunicamp. Ela tinha um advogado que participava mais efetivamente das atividades. Então, quando os professores tinham dificuldades nas relações jurídicas com a universidade, essa advocacia que a ADunicamp fornecia era mais ativa. Depois esse advogado passou a não ter mais uma grande participação e a só orientar. E isso foi desestimulando o pessoal.

Além disso, a própria participação da ADunicamp junto ao colégio, dado que não tinha representação, foi minguando, culminando que eles passaram a nem nos visitar mais aqui em Limeira. Nós chegamos a ter um representante que vinha um dia por semana até Limeira, numa sala, pra dialogar com os professores e depois essa atividade, não sei se por motivos econômicos ou o quê, foi acabando.

Agora, diante dessa situação que o senhor acabou de relatar, e diante também do fato de que já temos uma carreira e de que, segundo a minuta do novo Estatuto da Unicamp, tudo indica que teremos uma cadeira fixa no Conselho Universitário, o senhor acha que ainda faz sentido a relação entre Cotil e ADunicamp? Essa relação ainda pode ser benéfica para o Cotil?

Ah, não tenha dúvida. Eu acho que tem que haver a participação dos docentes na ADunicamp. Por ela ser uma entidade sindical que defende os interesses nossos. Eu entendo que, para essa modificação do Estatuto, nós oferecemos muito poucos subsídios para eles colocarem nas reuniões dos representantes, porque nós vamos ter uma cadeira só no Conselho Universitário, vamos perder uma



cadeira: hoje nós temos direito a duas cadeiras de representantes da nossa carreira e, diante dessa modificação, vamos ter direito a votar em uma pessoa só. Então, eu acho que a ADunicamp, se tivesse subsídios para defender a nossa representação, seria muito importante. Porque nós deveríamos aumentar a nossa participação nas carreiras especiais, visto que anteriormente nós éramos 40 e hoje o Cotil tem 90 professores. E visto a importância do colégio dentro da universidade, se não defendermos as ideias nossas, dentro da universidade, temo eu inclusive pela integridade do Cotil, com essa não participação. Da mesma forma como nós fomos convidados a participar das discussões na época, o Cotuca também foi convidado e sempre houve gente que colaborou lá. Então, tudo isso cabe aos mais novos ou aqueles que entenderem que é preciso participar. Participação política é fundamental dentro da universidade, porque tudo se resolve e você tem possibilidade desde que você tenha a palavra; se você não tiver a palavra – eu existo –, acho que fica difícil, né?

Os 38 anos de uma longa história de lutas



1988 - Assembleia de Docentes no Ciclo Básico



2000 - Campanha salarial (Assembleia de Docentes)



2014 - Rennidos em Assembleia, docentes aprovaram greve geral

Criada em 1977, em meio a uma ditadura militar que completava 13 anos de instalação e de forte repressão a tudo e todos que se opunham a ela (incluídos nesta conta a imprensa em geral, sindicatos e partidos), a ADunicamp trazia consigo tarefas que pareciam quase impossíveis de serem cumpridas: atuar como um sindicato, lutando pelos direitos trabalhistas dos professores, e também como uma associação de trabalhadores preocupada com a democracia, empenhada em unir-se a outras entidades semelhantes. Ao mesmo tempo, deveria dar sua contribuição à universidade pública brasileira – com o propósito de identificar qual o lugar dessa instituição em um país com as particularidades do Brasil – e à própria Unicamp, que carecia de mecanismos de decisão transparentes e abertos.

A jovem Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) havia sido criada há apenas 10 anos e enfrentava problemas com a administração de seu fundador que, se por um lado havia moldado-a com sua visão de universidade e seu prestígio junto ao poder público e político da época, por outro atuava de forma autoritária e paternalista. O então reitor estava longe de institucionalizar uma gestão que transferisse poder de decisão para a maioria dos docentes que compunha a universidade. A falta de uma carreira e de uma política definida claramente para as questões internas deixava clara a necessidade de organização dos docentes em uma associação que pudesse influir no destino da universidade.

Nasce a ADunicamp

O prédio do Ciclo Básico foi o palco do primeiro momento, mas também de muitos outros posteriores, da ADunicamp.

Lá foi realizada a assembleia, com 370 participantes (40% do total de professores na época), que criou a Associação de Docentes da Unicamp, a ADunicamp. Ao seu primeiro presidente, José Vitório Zago, coube a tarefa de criar a infraestrutura necessária para que a associação pudesse funcionar.

Desde seu início, a ADunicamp deparou-se com dificuldades e o cerceamento das universidades pela ditadura foi um dos mais emblemáticos. O apoio à reunião da SBPC e ao 3º Encontro Nacional de Estudantes, que sofreram forte repressão do governo militar, aconteceu meses após sua criação.

Em 1979, na vigência do mandato de sua primeira diretoria eleita, a ADunicamp já participava do amplo movimento do funcionalismo paulista. No ano anterior, os docentes da Unicamp haviam feito sua primeira greve a partir da qual houve a renúncia de seu primeiro presidente eleito, Rubem Alves. Este, alegando não concordar com a participação de docentes universitários,

por ele considerados privilegiados, em um movimento grevista, demitiu-se por carta. Um ano depois, e tendo à frente o vice-presidente José Vitório Zago, que assumiu o lugar de Rubem Alves, a ADunicamp se preparava para participar do maior enfrentamento entre funcionalismo e governo desde o golpe de 1964.

Contar a história desta instituição não é e nunca foi tarefa fácil. Muitos foram os momentos importantes, assim como muitas foram as questões que a ADunicamp teve que enfrentar, interferir e responder, não apenas a seus associados, mas à comunidade acadêmica e à sociedade como um todo.

Sua união com “entidades-irmãs” como a ADUSP e a Adunesp e sua participação no movimento docente nacional se tornaram importantes balizadores de sua atuação.

Com uma concepção de universidade voltada às grandes questões nacionais, como ponto de encontro de pensadores e responsáveis pela elaboração de tecnologias, mas, principalmente, de políticas públicas voltadas para o atendimento das necessidades básicas da sociedade e não apenas de grupos econômicos, sua atuação não poderia ser diferente.

Atuação se Amplia

Desde sua criação a ADunicamp cresceu e muito.

Do prédio do Ciclo Básico, sua primeira morada, à sede própria, em 1996, não foi apenas a infraestrutura que aumentou. A criação do Fórum das Seis como uma unidade de reivindicação junto ao Conselho de Reitores (CRUESP) após a concessão da Autonomia Universitária, em 1989, fez com que a associação ganhasse uma importância cada vez maior.

O Fórum inicialmente congregava as associações de docentes e de funcionários técnico-administrativos das três universidades públicas paulistas e hoje congrega ainda os DCEs da Unicamp e USP e o sindicato dos trabalhadores do Centro Paula Souza.

A passagem de associação para seção sindical do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN) foi um processo longo de esclarecimento da comunidade.

As alterações do Código Civil, em 2002, fizeram com que empresas, sociedades, associações e entidades em geral, tivessem que se adequar à nova Legislação.

Em 2005, a aprovação da lei nº11.127/05 (através do artigo 2031 do Código Civil) estabeleceu o dia 11 de janeiro de 2007 como prazo final para adequação estatutária. Em uma campanha que durou quatro meses (de agosto a dezembro de 2006), a ADunicamp tratou de discutir e esclarecer seus associados sobre a importância de transformar a associação em seção sindical e apresentou proposta de alteração do estatuto baseada em documentos de entidades semelhantes.

Naquele momento, ADUSP e Adunesp já haviam feito a mudança e a ADunicamp era a única entidade do Fórum das Seis que não era sindicato, o que acarretava dificuldades na luta pela conquista de direitos a toda comunidade docente da universidade e não apenas a seus associados.

Em 15 de dezembro de 2006, o resultado da consulta foi favorável à sindicalização. Dos 2.060 associados na época, 1.111 votaram. Apenas 73 foram contrários, 23 votaram em branco e 7 anularam seus votos. A maioria, 1.008, aprovou a mudança.

Atualmente, dos 2.692 docentes da Unicamp, 2.092 são filiados à ADunicamp (incluindo os aposentados em ambos os casos).

A “casa” dos professores

A ADunicamp começou suas atividades em uma assembleia histórica, em 1977, mas logo depois deparou-se com a necessidade de um espaço físico próprio. A solução provisória surgiu com a cessão, pelo IMECC, de uma pequena sala do seu anexo, atrás do IFCH.

Em meados da década de 1980, a sede passou a funcionar no subsolo do edifício do Ciclo Básico. Algumas carteiras escolares, escrivaninha, uma máquina de escrever e a Associação tinha o mínimo para funcionar, porém a sala ainda carecia de infraestrutura para reuniões.

Em uma loja de mobília usada, nas cercanias da Unicamp, no bairro de Barão Geraldo, foi comprado um conjunto de sala de jantar com cadeiras estofadas. Não era bem o que se esperava de uma sala de reuniões, mas era o que o dinheiro podia pagar. Daí para diante, a ADunicamp mudaria ainda uma vez de endereço, mas permaneceria ocupando um pequeno espaço, no subsolo do Ciclo Básico.

A Sede

Em 1990 viria o acordo pelo qual a Unicamp cederia em comodato um terreno no campus, no qual a ADunicamp poderia construir sua sede.

Seis anos depois, inaugurou-se a nova sede: não mais um acanhado escritório, mas um conjunto de pequenos edifícios que abrigam administração, auditório, sala multiuso, cantina [que posteriormente foi reformada para dar lugar a um restaurante] e biblioteca. Para que isso fosse possível, a anuidade cobrada dos associados fora temporariamente aumentada de 0,3% para 1% do salário do docente. Após a construção, ela foi reduzida para 0,7%, nível mantido até hoje.



ADunicamp inicia atendimentos aos **Docentes** em **Limeira**

13h às 18h
quinzenalmente

- Atendimento Jurídico
 - Filiação
 - Convênios
- Esclarecimentos com diretores e funcionários da ADunicamp

Sala P17 FT

26
março
Faculdade de
Tecnologia



17h30 às 18h30

Show do violeiro

Paulo Freire

**Anfiteatro
PA07 FT**